

O recado de Fernando Henrique

Presidente anuncia combate à seca, nega pacote fiscal e diz que País não é "bola da vez"

Luís Eduardo Leal
de Brasília

Para bom entendedor no mercado financeiro "Rússia" foi a palavra-chave na hora e meia de entrevista coletiva concedida ontem pelo presidente Fernando Henrique Cardoso a jornalistas brasileiros e estrangeiros nos jardins do Palácio da Alvorada. O presidente referiu-se espontaneamente ao país, acossado por uma crise financeira de proporções ainda imprevisíveis, logo após um jornalista ter lhe perguntado sobre pesquisas de intenção de voto. Antes, já havia se referido à Rússia, em uma breve comparação com a situação fiscal brasileira.

"Só uma informaçãozinha, não é com você", disse ao jornalista interessado em política interna. O recado era para os investidores estrangeiros e a mensagem presidencial, clara: o Brasil não deve ser confundido com a Rússia ou com a Indonésia, assim como, em outubro passado, demonstrou ser diferente da Coreia do Sul ou da Tailândia.

"Nós vamos continuar — voltando à questão econômica — firmes no rumo. Eu não mencionarei, mas há situações no mundo. Por exemplo, a Rússia está tendo situação de dificuldade. Tem por quê? Porque não tem condições políticas de unir o país num rumo, não tem as reservas que nós temos. Daí nós não devemos derivar, se teve lá vai ter aqui", disse o presidente, no mesmo dia em que a Rússia triplicou para 150% a remuneração de seus títulos públicos, provocando queda superior a 10% em sua bolsa. No exato momento em que Fernando Henrique procurava espantar o fantasma "Rússia", a Bovespa registrava perdas de 4,50%, revertidas para uma alta de 3,30%, após uma forte atuação do BNDES na última meia hora do pregão.

"Aqui nós temos que fazer o possível e o impossível para atuar e ser diferente. E quando for necessário atuar, pode ter certeza. Eu disse isso em outubro: eu atuo e não penso em outra coisa", assegurou aos investidores conectados à entrevista presidencial pelas agências de notícias. "Não tivesse eu tomado as medidas que tomei em outubro, olhem a Indonésia. Olhem a Indonésia", enfatizou em outro momento da entrevista, ao justificar as "dificuldades que nós pagamos" em consequência do aumento das taxas de juros. Em outras passagens, Fernando Henrique identificou a manutenção do "rumo" — uma chave de seu jargão — à sua determinação pessoal.

"Você vê que, apesar de que há problema aqui, problema ali, o Brasil tem capacidade de resposta. Vejam o que está acontecendo nos outros países que não fizeram o que nós fizemos e vejam o que está acontecendo aqui? É uma diferença imensa", finalizou, antes de dar sua interpretação para o déficit das contas públicas. A seguir, os principais trechos da entrevista, na qual Fernando Henrique falou também sobre seca, pesquisas eleitorais e criticou o Congresso por ainda não ter permitido reformar a Previdência.

NOVO PACOTE FISCAL

"Não vai haver novo pacote. Isso é desnecessário e está fora de cogitação. Medidas, o governo toma todo dia, todo dia. Governar é tomar medidas. E quando não toma, está tomando. A inércia é um tipo de medida".

tomando. A inércia é um tipo de medida".

MAIS IMPOSTOS SEM MENOS DÉFICIT

"A pergunta mais difícil é explicar o déficit. O aumento que houve (no ajuste fiscal de novembro) foi basicamente sobre imposto de lucro financeiro e um pequenínssimo aumento sobre o Imposto de Renda dos que ganham mais. Esses foram os aumentos havidos. O aumento da arrecadação no início do ano foi em função da questão dos fundos que foram taxados. Esse aumento foi feito porque nós já sabíamos: quando se aumenta a taxa de juros em 42%, isso vai ter efeito sobre o déficit. E aqui foi 42%. Na Rússia, eles vão aumentar mais que isso. Aqui, nós aumentamos 42% e hoje já estamos a 21%. Conseguimos baixar.

Os efeitos da diminuição da taxa de juros só vão começar a ocorrer sobre as contas públicas em setembro, porque os títulos são vendidos e têm prazos. Estamos agora pagando títulos que têm taxas elevadas. Isso aumentou a despesa. (...) A avaliação de quanto (o governo) arrecadou com as medidas de outubro, só vamos saber mesmo no fim do ano. Quanto gastou, só no fim do ano. Fora disso, é manchete. É importante essa informação, mas não é previsão do que vai acontecer. (...) Déficit é um conceito. Não é que o governo começou a gastar muito e, por isso, tem déficit. Quando você vai olhar o Tesouro, esse 1% do PIB (de déficit primário recorde em fevereiro) é consolidado. Não é do governo federal, mas (aparece) quando se soma os municípios e os estados. O governo federal não tem comando sobre isso".

"BOLA DA VEZ"
"No Brasil a economia virou conversa de todo mundo — só que não se sabe —, virou arma política também. Então "é a bola da vez porque o déficit cresceu...". O déficit não está descontrolado. Nós estamos

"A eleição é daqui a quatro meses. Ninguém vai mudar resultado eleitoral porque vai aumentar o déficit"

"O déficit não está descontrolado. O governo vai continuar controlando. Temos mecanismos. Não haverá o menor risco"

primário recorde em fevereiro) é consolidado. Não é do governo federal, mas (aparece) quando se soma os municípios e os estados. O governo federal não tem comando sobre isso".

"BOLA DA VEZ"
"No Brasil a economia virou conversa de todo mundo — só que não se sabe —, virou arma política também. Então "é a bola da vez porque o déficit cresceu...". O déficit não está descontrolado. Nós estamos

controlando. O governo vai continuar controlando. Temos mecanismos. Nós vamos atuar. Não haverá o menor risco. A eleição é daqui a quatro meses. Ninguém vai mudar resultado eleitoral porque vai aumentar o déficit. O déficit aumentado só vai atrapalhar o Brasil, não vai resolver o problema de ninguém".

PREVIDÊNCIA

"O voto no Congresso é uma dificuldade. Não posso me queixar porque a maioria tem votado: A (reforma) da Previdência está lá há três anos. Três anos. Só no setor estatal da Previdência, estamos gastando R\$ 19 bilhões por ano. É toda a verba do Ministério da Saúde. A contribuição do setor público para esses R\$ 19 bilhões foi de R\$ 2 bilhões. Quase R\$ 17 bilhões é o povo quem paga".

PESQUISAS ELEITORAIS

"Pesquisa é um momento. Há dados de uma pesquisa que diz uma coisa, há dados que dizem outra. Há oscilações. A cada mês de maio tem acontecido, nesses anos todos, variação de opinião. Variação de opinião que é norma (em razão do reajuste do salário mínimo). Se há de convir que num país que passa por uma dificuldade grande, como nós passamos a partir de outubro, quando tivemos que dar uma freada no crescimento da economia, tal seria que a população não reagisse".

APOIO A GOVERNADORES

"Se eu for candidato, como tudo indica, terei um amplo apoio. O que o candidato precisa ter não é apoio meu, mas do povo. Não creio que isso (apoio) altere o resultado eleitoral num país como o Brasil. Não gosto de demagogia. Não acho que o povo se iluda com muita propaganda. O povo sabe avaliar, sabe calcular.

Se vier a ser candidato, tenho que ter posição de muito equilíbrio. Não posso estar utilizando instrumentos de poder, de prestígio, para eleger um poste. Poste não se elege nunca".

"Pesquisa é um momento. Há oscilações. A cada mês de maio tem acontecido variação de opinião"

LULA

"O Lula está tendo lá os probleminhas dele.

"VAGABUNDOS"

"Apelo o dia inteiro, sobretudo a vocês, que transmitem opinião, que transmitam. Transmitam apenas. Não interpretem antes da hora. Não peguem uma palavra e transformem essa palavra em um pensamento. Porque isso, não é que ajude a mim, não ajuda o Brasil, distorce qual é o verdadeiro problema, o que nós estamos fazendo. Distorce. Eu digo sinceramente, com patriotismo."

GOVERNO FHC

"O Brasil parou muito tempo. Este governo está fazendo o Brasil andar de novo. Mas o Brasil ainda está andando com o passo trôpego porque não tem os recursos para andar mais firme. Mas está andando. E, antes, estava parado"

SAQUES

"Promover saque é fazer um assalto ao interesse do povo. Se quiserem brigar, esperem a campanha eleitoral. Mas não utilizem, pelo menos antes dela, aquilo que é do interesse do povo para, simplesmente, minar a credibilidade do governo. Assaltar um depósito de merenda, assaltar a Conab, só tem um significado: é desordem, é baderna, é chamar a atenção da imprensa".

COMBATE À SECA

"Decidi abrir, a partir de 10 de junho, créditos para o que estamos chamando de frentes produtivas. Acho que agora temos uma oportunidade um pouco diferente. Primeiro há uma consciência muito clara de que é preciso qualificar melhor a população em geral e essa, em particular. Então, vamos também incluir programas de alfabetização solidária... A idéia é de realmente dar ocupação e melhoria da condição humana das pessoas atingidas por essa situação... Quero lhes dizer que temos condição de atender até um milhão de pessoas. Significa quase todo o número de pessoas desempregadas fora do Nordeste. Devemos ter hoje 1,3 milhão de desempregados nas regiões metropolitanas.

Então, vamos também incluir programas de alfabetização solidária... A idéia é de realmente dar ocupação e melhoria da condição humana das pessoas atingidas por essa situação... Quero lhes dizer que temos condição de atender até um milhão de pessoas. Significa quase todo o número de pessoas desempregadas fora do Nordeste. Devemos ter hoje 1,3 milhão de desempregados nas regiões metropolitanas.

DISTRIBUIÇÃO DE CESTAS BÁSICAS

"Hoje está começando a distribuição da segunda cesta que tem 19 quilos. Não estamos dizendo: agora vai haver frente produtiva e, portanto, diminuem as cestas... A medida que houver mais trabalho, é natural também que diminua a demanda por cestas. Então, estou lhes avisando que, por favor, se daqui a dois meses diminuir a quantidade de cesta básica, não tomem isso como descaso. Tomem como avanço. Se for pela substituição através de renda.

MST

"Quando o MST ocupa um banco, se é verdade que entrou num banco, é igualzinho a alguém que entrou como assaltante. Pode usar o pretexto que quiser. Mas a forma de atuar está errada e tem que ser tirado de lá. E por isso mesmo tem que tomar muito cuidado, porque isso não pode ser feito com violência... Talvez haja quem queira, que ache até proveitoso — ponham aspas — ter um cadáver. Tenho horror disso. Queremos bandeiras brasileiras fluando e não corpos sendo levados em triunfo pelas ruas, para dizer que há ditadura no Brasil, quando existe um país democrático (...)"